

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO JESUÍTICA: APRENDIZAGEM
INTEGRAL, SUJEITO E CONTEMPORANEIDADE

GABRIEL SILVA DE ARAUJO TEIXEIRA

EDUCAÇÃO JESUÍTA FACE À EDUCAÇÃO BANCÁRIA:
aproximações entre Santo Inácio de Loyola e Paulo Freire

Nova Friburgo

2025

GABRIEL SILVA DE ARAUJO TEIXEIRA

**EDUCAÇÃO JESUÍTA FACE À EDUCAÇÃO BANCÁRIA:
aproximações entre Santo Inácio de Loyola e Paulo Freire**

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação, pelo Curso de Especialização em Educação Jesuítica: Aprendizagem Integral, Sujeito e Contemporaneidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador: Prof. Ms. Vinícius Soares Pinto

Nova Friburgo
2025

EDUCAÇÃO JESUÍTA FACE À EDUCAÇÃO BANCÁRIA: aproximações entre Santo Inácio de Loyola e Paulo Freire

Gabriel Silva de Araujo Teixeira¹

Resumo: Este artigo investiga as aproximações entre a pedagogia inaciana, fundamentada nos princípios de Santo Inácio de Loyola, e a pedagogia freireana, formulada por Paulo Freire, a partir de uma crítica comum à mercantilização da educação e ao modelo da educação bancária. A pesquisa utiliza abordagem bibliográfica e estudo teórico-reflexivo para mapear como ambas as tradições, embora oriundas de contextos históricos e epistemológicos distintos, convergem na defesa de uma educação humanizadora, dialógica e transformadora. Inicialmente, o trabalho explora os fundamentos da educação jesuíta, destacando a centralidade da formação integral, do discernimento e do compromisso com a justiça social. Em seguida, são retomados os principais conceitos de Paulo Freire, especialmente a crítica ao ensino autoritário e mecanizado que reduz o aluno a mero receptor passivo de conteúdos. Na sequência, realiza-se uma análise de documentos recentes da Rede Jesuíta de Educação, identificando como a palavra “mercado” aparece nos textos e apontando as críticas institucionais à lógica neoliberal e performativa que invade o campo educacional. O estudo demonstra que, apesar das afinidades entre as pedagogias analisadas, existem diferenças quanto à intensidade e à contundência das críticas ao neoliberalismo, sugerindo que a pedagogia inaciana, enquanto proposta institucional, enfrenta desafios particulares para manter-se fiel à sua missão transformadora em um ambiente educacional altamente competitivo. Por fim, propõe-se a ampliação das análises para além dos documentos oficiais, escutando as práticas e percepções dos sujeitos escolares que vivenciam essas tensões cotidianamente.

Palavras-chave: Educação Jesuíta. Paulo Freire. Educação bancária. Neoliberalismo.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da minha vivência como professor de um colégio da Companhia de Jesus, em contato constante com os documentos basilares da Rede Jesuíta de Educação e a continuada formação profissional, identifiquei nos documentos institucionais e no modo de proceder inaciano, características marcantes da pedagogia de Paulo Freire (1921-1997), como a de se fazer uma educação que

¹ Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: gabrielgeouerj@gmail.com

valorize o humano em sua dignidade, cultura e capacidade de pensar criticamente, com potencial de transformação social.

Diante desta percepção e incomodado em testemunhar como a educação tem sido dominada pelas grandes corporações de capital privado² — fato que o sociólogo Stephen J. Ball (2014) alerta como um movimento que submete escolas, universidades, professores e alunos à lógica do mercado, desvirtuando da ideia da educação como serviço público e direito social —, optei em utilizar o conceito de “educação bancária” (Freire, 1980) para articular as aproximações entre as ideias defendidas na Educação Jesuítica e na pedagogia freireana.

Para isso, neste trabalho utilizo pesquisa bibliográfica (Gil, 2008) e estudo teórico-reflexivo (Severino, 2007) para identificar e compreender as aproximações entre o pensamento de Santo Inácio de Loyola e de Paulo Freire que defendem uma educação humanizadora frente à lógica mercantilista na educação.

O artigo começa caracterizando a Educação Jesuítica face aos ideais neoliberais e, na sequência, as ideias de Paulo Freire e o conceito de Educação Bancária. Depois é refletido sobre as aproximações de ideias educativos entre Santo Inácio de Loyola e Paulo Freire; por fim, é mapeado como a palavra “mercado” é mencionada em documentos recentes da Rede Jesuíta de Educação, para verificar a sintonia com as ideias freireanas.

A partir da pesquisa e das reflexões, fica claro que há uma aproximação filosófica e ética entre o pensamento de Freire e Loyola. No entanto, o contexto institucional da RJE, inserida no competitivo mercado educacional, coloca em questão o discurso em defesa de uma educação humanizada. Nesse sentido, corre-se o risco dos ideais da pedagogia inaciana serem apropriados por uma lógica marketeira superficial, o que realça a necessidade de uma análise profunda e constante da prática no dia a dia escolar.

² Para conferir as maiores *holdings* do setor educacional, consulte: CALCOPIETRO, Vincenzo. As 16 maiores empresas de educação do Brasil. Valor Econômico, 11 nov. 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2024/11/11/as-maiores-empresas-de-educacao-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 5 maio 2025.

2 EDUCAÇÃO JESUÍTICA FACE AO IDEAIS NEOLIBERAIS

A Educação Jesuítica tem seus valores fundamentados na vida e obra de Santo Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus. Santo Inácio compreendia a educação como um instrumento essencial para a formação integral do ser humano. Inspirado por sua experiência espiritual e prática³, ele acreditava que a educação deveria cultivar não apenas o intelecto, mas também os sentimentos e a dimensão espiritual. Essa visão foi fundamental para a criação da Companhia de Jesus e de seu projeto educativo, expresso na obra *Ratio Studiorum* (1599), que estabeleceu diretrizes para as escolas jesuíticas.

Na leitura do padre Pedro Arrupe (1973), Inácio concebia a educação como uma maneira de formar “homens e mulheres para os outros”, pessoas comprometidas com o serviço, a justiça e a fé. No discurso “*Men for Others*”, Arrupe defende que a educação jesuíta não deve se limitar a transmitir conhecimento técnico ou acadêmico, mas deve formar pessoas comprometidas com a justiça, com o bem-estar coletivo e com a transformação social. Arrupe também destaca que, em um mundo marcado pela desigualdade e pelos conflitos, a educação deve ser um caminho de formação integral, que envolve a inteligência, a moralidade e a espiritualidade.

Esse discurso reflete o coração da Educação jesuítica, que visa uma educação para a vida, buscando desenvolver não apenas as competências acadêmicas, mas também o caráter e a capacidade de servir ao próximo com ética e compaixão. Arrupe chama os educadores jesuítas a abraçarem essa missão de serviço aos outros como um dos pilares centrais de sua prática educativa. Valoriza-se a reflexão pessoal, o discernimento e a excelência acadêmica, sempre integrada a um profundo sentido de responsabilidade ética e social. Por meio de unidades educativas, como escolas sociais, colégios e universidades, os jesuítas buscam a excelência nas dimensões acadêmica e humana visando à formação de pessoas capazes de transformarem suas realidades.

³ Reunidas em seu livro *Exercícios Espirituais*, publicado pela primeira vez em 1548.

No entanto, é oportuno considerar que Santo Inácio elaborou e difundiu sua prática educativa no século XVI, momento no qual a Igreja Católica ainda era a principal responsável pela educação. Nesse período, além da hegemonia cristã no meio educativo, a educação era caracterizada por ser restrita às elites, em especial aos filhos da nobreza e da burguesia e ao próprio clero.

Com o avanço das reformas neoliberais e da intensificação da globalização na década de 1970, o neoliberalismo também avança sobre a educação nas últimas décadas, caracterizado pela crescente mercantilização do ensino e pela priorização de modelos empresariais na gestão das instituições educacionais, as unidades educativas jesuítas também sentem a pressão imposta pela lógica do mercado e têm o desafio de manter-se fieis à missão educativa proposta por Santo Inácio de Loyola.

No texto “Estado, Fé e Mercado: desafios da escola” (2017), o jesuíta Pe. João Batista Stork alerta sobre a crise vivida pelas escolas de confessionalidade católica observada na primeira década do século XXI decorrentes do avanço da privatização da educação no Brasil. Diante do contexto de proliferação dos grandes grupos de ensino e o aumento da oferta de vagas em detrimento da qualidade do ensino, o autor inspira a seguinte reflexão: “O que fazer? Aproximar-se mais dos valores gerenciais e mercadológicos [...]? Ou retraduzir também os valores religiosos materializados em seus documentos adaptando-os para os novos estágios do campo educacional?” (Stork, 2017, p. 50).

Atualmente, os valores do mercado se tornam cada dia mais intransponíveis, o que coloca desafios cruciais para a educação jesuíta. O pesquisador em educação jesuítica, Vinícius Soares Pinto, em sua investigação sobre o “modo de proceder inaciano face à hegemonia do neoliberalismo”, afirma que “a fidelidade à missão diante do contexto neoliberal não é tarefa simples” (Pinto, 2021, p. 15). De acordo com o autor, existe um *gap* entre o que é pensado e o que é vivido em relação aos discursos e as práticas neoliberais nas escolas inacianas brasileiras.

O estudo de Roberto Rafael Dias da Silva (2019) analisa como a individualização dos percursos formativos tem sido incorporada nas políticas curriculares do Ensino Médio no Brasil, alinhando-se às lógicas do neoliberalismo, que enfatizam a empregabilidade e as competências socioemocionais, muitas vezes

em detrimento de uma abordagem mais holística e inclusiva da educação. De acordo com o autor:

Tornou-se recorrente, na implementação de políticas curriculares contemporâneas destinadas aos variados níveis de ensino em inúmeros países, a centralidade de práticas de individualização dos percursos formativos. Noções como personalização, customização e diferenciação passaram a operar, enquanto dispositivos curriculares que estruturam a formação humana, a partir das escolhas, dos interesses e das necessidades dos indivíduos (Silva, 2019, p. 428).

Nesse contexto, a defesa dos valores do Evangelho e do modelo de vida centrado em Jesus pregada por Inácio e pela perspectiva inaciana colidem com a força dominante da perspectiva neoliberal na sociedade contemporânea.

3 PAULO FREIRE FACE À EDUCAÇÃO BANCÁRIA

Paulo Freire é um dos grandes pensadores brasileiros que refletiu sobre a educação a partir de uma perspectiva crítica e social, jogando luz sobre a relação da educação com a política e com os conflitos de classe. A criticidade é um instrumento recorrente na obra de Freire, permeando todo o rol de conceitos que sua produção bibliográfica apresenta, conceitos esses reunidos no “Dicionário Paulo Freire” (2008), obra coletiva que reúne cerca de 200 verbetes elaborados por diversos autores, abordando conceitos-chave do pensamento de Paulo Freire.

A percepção crítica de Freire acerca da educação parte do entendimento de que educar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a construção do saber, em diálogo com a realidade vivida pelos educandos. Para Freire, a educação não é neutra: ou ela contribui para a manutenção das estruturas de opressão, ou se coloca como prática da liberdade, favorecendo a conscientização e a transformação social. Essa visão crítica denuncia as práticas autoritárias e desumanizantes da escola tradicional - como no modelo da educação bancária - e propõe uma educação dialógica, problematizadora e libertadora, que reconhece os sujeitos como inacabados, históricos e capazes de intervir no mundo.

Na obra “Pedagogia do Oprimido” (1980), Freire destaca a ideia de educação bancária como uma crítica contundente ao modelo tradicional de ensino, em que o professor deposita conteúdos prontos nos alunos, tratados como receptáculos vazios. Para Freire, as relações entre educador e educandos são fundamentalmente relações “narradoras, dissertadoras” (Freire, 1980, p. 65), isto é, são relações que implicam a existência de um sujeito narrador e em objetos ouvintes, os educandos. Nas palavras de Freire:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (Freire, 1980, p. 66)

Nessa lógica, o conhecimento é visto como algo estático e unilateral, reforçando relações de poder e perpetuando a opressão, pois os educandos não são estimulados a pensar criticamente nem a participar ativamente do processo educativo, comportam-se apenas como depósitos de comunicados descontextualizados. Jerônimo Sartori (2008) caracteriza a educação bancária da seguinte forma:

[...] os pressupostos da educação bancária se assentam na narração alienada e alienante. Ou seja, há a perspectiva de educar para a submissão, para a crença de uma realidade estática, bem-comportada, compartimentada, para a visão de um sujeito acabado, concluso. A educação bancária, nesse sentido, repercute como um anestésico, que inibe o poder de criar próprio dos educandos, camuflando qualquer possibilidade de refletir acerca das contradições e dos conflitos emergentes do cotidiano em que se insere a escola, o aluno. Na perspectiva freiriana, a educação bancária tem o propósito de manter a imersão, a reprodução da consciência ingênua, da acriticidade. (Sartori, 2008)

A ideia de educação bancária, formulada por Paulo Freire nos anos 1970, permanece extremamente atual, pois ainda descreve muitas práticas educacionais

vigentes, marcadas por ensino mecânico, ausência de diálogo, centralização do saber no professor e valorização da memorização em detrimento da reflexão crítica. Em muitos contextos, o processo educativo continua sendo um exercício de transmissão vertical de conteúdos, que ignora a realidade dos estudantes e os trata como recipientes passivos, prontos para serem preenchidos.

Hoje, com o crescimento de sistemas de ensino padronizados, apostilas empresariais, plataformas digitais conteudistas e avaliações de larga escala, a lógica bancária assume forma institucional e econômica, vinculada aos interesses do mercado. A autora Carolina de Roig Catini (2021) analisa criticamente a metáfora da “educação bancária” proposta por Paulo Freire, argumentando que, no contexto atual, essa metáfora tornou-se uma realidade concreta. Catini observa que a privatização da educação e a crescente influência de instituições financeiras no setor educacional transformaram a crítica freireana em uma descrição literal das práticas educacionais contemporâneas. A crescente participação do empresariado, em especial do mercado financeiro, dos bancos, na educação é sintoma dessa desmetaforização do pensamento de Freire. Diz Catini:

A mudança mais radical que a educação massiva sofreu desde a sua generalização pela forma escolar está sendo presidida por agentes do mercado financeiro, acionistas, empresários, novos gestores da educação. Tais agentes lograram produzir uma imagem de si próprios como voluntários auto-organizados que “militam” pela qualidade da educação dos pobres, de modo que, apesar de subordinarem a educação a um processo que dura quase três décadas, não arcam com os ônus da responsabilidade pela precariedade de boa parte das escolas, pelas condições de trabalho docente ou pelos péssimos resultados das avaliações de desempenho que, não obstante, eles mesmos impuseram como mecanismo de gestão e de “produção de evidências”. A responsabilização recai sempre sobre quem trabalha e sobre quem estuda para poder trabalhar. Assim, banqueiros e empresários conquistaram para si uma posição cheia de vantagens ao controlar a educação. (Catini, 2021, p. 92).

Catini destaca que a lógica da educação bancária, anteriormente uma metáfora para práticas pedagógicas autoritárias e desumanizadoras, agora se manifesta de forma concreta através da mercantilização da educação. Assim, a crítica de Freire ganha uma nova dimensão, evidenciando como as estruturas educacionais atuais não apenas perpetuam a alienação, mas também institucionalizam práticas que tratam o conhecimento como uma mercadoria e os

estudantes como consumidores passivos. A questão que se coloca, portanto, não está mais restrita ao campo dos conteúdos e das práticas docentes em sala de aula, mas diz respeito ao formato institucional que tem se apossado no campo educacional.

4 APROXIMAÇÕES ENTRE FREIRE E INÁCIO

Até onde sabemos, não há evidências diretas de que Paulo Freire tenha lido Santo Inácio de Loyola de forma sistemática ou que tenha se baseado explicitamente nele em seus escritos. No entanto, podemos fazer algumas observações. Paulo Freire teve uma formação católica muito forte. Durante sua juventude em Recife, foi educado num ambiente influenciado pelo catolicismo e, mais tarde, pelo movimento da Ação Católica, que era muito presente no Brasil nos anos 1940 e 1950. A pedagogia de Freire é permeada por uma visão cristã progressista, próxima da Teologia da Libertação (Gadotti, 1996), que também buscava inspiração em práticas de discernimento, reflexão e ação - temas que ressoam, indiretamente, com práticas inicianas (como o método dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, que enfatiza reflexão pessoal, análise crítica da realidade, e ação transformadora).

A perspectiva pedagógica de Paulo Freire e a de Santo Inácio de Loyola foram produzidas em contextos distintos e refletem as diferentes épocas e influências teóricas que moldaram suas ideias. A principal diferença entre as duas perspectivas reside no propósito central da educação: enquanto Freire busca a emancipação social e política, com foco na transformação das estruturas de poder e a superação das desigualdades, Inácio tem como objetivo a formação moral e espiritual do indivíduo, com ênfase no serviço e no discernimento dentro de uma perspectiva cristã.

Apesar das diferenças, uma leitura contemporânea da educação jesuítica permite identificar semelhanças e “encontros potentes” com a pedagogia freireana, como afirma o pesquisador Paulo Roberto do Espírito Santo (2021). Para o autor, o principal ponto de contato é que ambas as pedagogias valorizam o potencial do aluno como agente ativo na construção de seu próprio conhecimento e no

compromisso com a transformação do mundo. Inácio e Freire compartilham, à sua maneira, um compromisso com a formação integral do ser humano. Um conceito que traduz o elo ainda pouco explorado entre ambos é a ideia do Ser Mais.

O “*Magis*” inaciano, palavra que vem do latim e significa “mais” ou “melhor”, reflete a busca constante pela excelência e pelo aprimoramento, “entendendo que se pode evoluir constantemente em práticas, vivências, serviços ao próximo, na efetividade de ações e também no crescimento pessoal e no bem comum.” (ETE FMC, 2022). Tal sentido do termo foi cunhado por Santo Inácio no século XVI e permanece central para o fazer educativo inaciano, como demonstra a campanha lançada em 2024 pela Província dos Jesuítas no Brasil chamada “Ser + com os Demais”. “Ser *Magis*”, como diz a logo da campanha, significa dar o melhor de si em tudo o que se faz, com o propósito de servir ao bem maior. Uma definição mais precisa encontra-se em Características da Educação da Companhia de Jesus (1987):

Desenvolvimento mais pleno das capacidades individuais de cada pessoa em cada etapa de sua vida, unido ao desejo de continuar este desenvolvimento, ao longo da vida, e a motivação para utilizar as qualidades desenvolvidas em benefício dos outros. (Características, 1987, p. 38).

Para o padre Klein, o *Magis* não significa simplesmente “mais” no sentido quantitativo, mas sim o melhor a ser feito para maior glória de Deus e em benefício do próximo, em cada situação concreta da vida. Ele interpreta o *Magis* como uma busca contínua por profundidade, excelência e sentido no agir, sempre orientado pelo discernimento espiritual e compromisso com a justiça, a fé e a transformação do mundo. Trata-se de um convite à superação do comodismo, ao empenho generoso e criativo na missão, respeitando os limites humanos, mas sem se conformar com o mínimo ou com a mediocridade. De acordo com padre Klein (2014):

Este é um conceito muito apreciado por Santo Inácio, que queria se destacar por seu amor generoso no serviço de Jesus Cristo, respondendo-Lhe e oferecendo-se sempre a Ele no padrão de qualidade, da excelência. O ‘magis’ não é uma comparação com os outros, mas consigo mesmo. É o empenho da pessoa para superar a mediocridade, porque o Senhor merece o melhor, como dívida de reconhecimento e

gratidão. O 'magis' é o desenvolvimento máximo de todas as capacidades da pessoa, que não admite termo de comparação, pois cada um dá o que pode, tudo o que pode. (Klein, 2014, p. 9)

Vinícius Soares Pinto (2021, p. 37) alerta para a compreensão do termo sob o risco de que, sem discernimento, a busca pelo mais e melhor “seja interpretada como estímulo à cultura da competitividade e da performatividade tão cultuada na sociedade contemporânea”. Embora envolva uma busca pessoal por excelência e profundidade, o Magis não é voltado para a autopromoção ou autorrealização isolada, mas para um compromisso maior com o bem comum, com o serviço aos outros e com a construção de um mundo mais justo e fraterno.

Essa busca do “mais” ou do “melhor” está sempre relacionada à missão e à alteridade - isto é, ao outro e à realidade concreta em que se vive. O discernimento do Magis parte da pergunta: O que mais posso fazer por amor, pela justiça, por Deus e pelo próximo? - e não da lógica do “ter mais” ou “ser mais” por vaidade ou competição. Portanto, o Magis não é egoísta, competitivo nem comparativo, mas um chamado à doação de si mesmo, de maneira generosa e comprometida. Ele convida à superação do individualismo moderno, propondo uma espiritualidade ativa. De acordo com a própria RJE:

Longe de ser uma luta por uma perfeição abstrata, a busca por um desejo pessoal insaciável ou o trabalho exaustivo para o mercado, para os inicianos, procurar o Magis é buscar no cotidiano se aproximar do pensamento de Jesus por meio de ações e práticas que honrem o compromisso a que Deus nos impulsiona. Portanto, o conceito não foca no indivíduo, mas em um caráter global e divino em que o ingrediente fundamental é colocar a graça para mudar a face do mundo (ETE FMC, 2022).

Esse conceito se reflete diretamente na educação jesuítica, em que a busca pelo Magis está presente no compromisso com a excelência acadêmica, mas também no compromisso com os valores morais e espirituais, cultivando líderes que buscam impactar positivamente a sociedade de forma profunda e duradoura.

Para Paulo Freire (1980), a ideia do Ser Mais está ligada ao movimento dos seres humanos conseguirem ser os sujeitos de sua própria busca, um caminho de contraposição da reificação e alienação típicas do ensino tradicional. O ser mais se

realiza, no pensamento freireano, como uma vocação histórica dos sujeitos que se libertaram das relações de opressão. Trata-se de um ideal de emancipação e humanização.

Freire apresenta o conceito do Ser Mais em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (1980) como parte essencial de sua visão de educação libertadora. Para ele, o ser humano está em constante processo de inacabamento, buscando sempre realizar-se plenamente, desenvolver sua humanidade e transformar o mundo à sua volta. Esse movimento em direção ao “Ser Mais” é, portanto, uma expressão da vocação do ser humano: tornar-se mais humano, mais consciente, mais livre, mais capaz de agir sobre a realidade. Nesse sentido, a educação é o caminho essencial para alcançar o Ser Mais, visto que se trata de um instrumento para que as pessoas desenvolvam consciência crítica (consciência histórica e política) e se reconheçam como sujeitos capazes de transformar o mundo. Segundo Freire:

Este movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao Ser Mais, à humanização dos homens. E esta, como afirmamos no primeiro capítulo, é sua vocação histórica, contraditada pela desumanização que, não sendo vocação, é viabilidade, constatável na história. E, enquanto viabilidade, deve aparecer aos homens como desafio e não como freio ao ato de buscar (1980, p.86).

Essa reflexão aponta que, embora distintos em origem e linguagem, os conceitos de Ser Mais e Magis se cruzam na valorização do ser humano como protagonista de um processo de superação, de crescimento e de compromisso com o mundo e com os outros. A relação entre os conceitos de Ser Mais, de Paulo Freire, e Magis, de Santo Inácio de Loyola, revela um encontro profundo entre duas visões pedagógicas distintas, mas convergentes na valorização do ser humano como sujeito em constante processo de superação, crescimento e compromisso com o mundo. Ou seja, pode-se afirmar que ambos são contra o modelo de educação reduzido à lógica mercadológica.

5 MENÇÃO AO “MERCADO” NOS DOCUMENTOS RECENTES DA REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO

Além do diálogo teórico em torno da categoria Ser Mais e *Magis*, exposto acima, uma outra maneira de observar a relação do pensamento freireano com a pedagogia inaciana é fazendo uma análise de três documentos institucionais recentes da Companhia de Jesus para o apostolado educacional: “Colégios Jesuítas: Uma tradição viva no século XXI” (2019), o “Projeto Educativo Comum - PEC (2021-2025)” e “Inovação Pedagógica: Contexto e proposta da Rede Jesuíta de Educação Básica” (2024).

Tendo em vista que o Projeto Educativo Comum (2021) da Rede Jesuíta de Educação explicita a “compreensão de que a educação vai além de parâmetros e pressões do mercado”, pois “está centrada em Jesus Cristo como modelo de vida [...] e comprometida em transformar o mundo segundo os valores do Evangelho” (RJE, 2021, p. 19), considereirei mapear nesses três documentos como a palavra “mercado” é mencionada.

Tabela 1 - Citação ao “mercado” nos documentos da RJE			
Documento	Página	Trecho Completo	Temas Centrais
PEC	p.18	“Nesses documentos, a Igreja descreve um cenário em que a educação corre o risco de se tornar produto de mercado em vez de direito do cidadão. O contexto socioambiental em que estamos inseridos nos apresenta apelos aos quais não podemos estar indiferentes e insensíveis. Releituras de antigos princípios e busca de novos caminhos são possibilidades que não devem trazer temor, mas, antes, vigor e esperança. Nossa fé nos ensina a estarmos atentos aos sinais dos tempos e a não nos conformarmos com o mundo, mas transformá-lo (Rm 12,2). Assumindo que nosso trabalho é parte da missão da Igreja e um serviço à sociedade (GE 8; DA 338), acreditamos que a eficácia desse serviço ocorre na proporção do fortalecimento da identidade de nossas obras apostólicas (VE 37, 8; DA 328). A formação integral, apresentada como finalidade última do trabalho, é sempre definida pela Igreja como um dos elementos mais fortes da identidade da educação católica (VE, 3-5, 27, 32; DA, 336-337). Ainda no bojo da reflexão eclesial sobre o apostolado educativo, aparecem como características fundamentais da nossa proposta a	Crítica à mercantilização da educação; Formação integral; Missão transformadora da fé cristã

Tabela 1 - Citação ao “mercado” nos documentos da RJE			
		compreensão de que a educação vai além de parâmetros e pressões do mercado (DA 328; VE 22), está centrada em Jesus Cristo como modelo de vida (DA 3, 336; VE 27, 32) e comprometida em transformar o mundo segundo os valores do Evangelho (DA 330; VE 29).”	
PEC	p.28	“O atual contexto educacional mostra-se muito diverso e competitivo. Observa-se uma ‘emergência educativa’ (DA 328) como consequência de um mercado constituído em torno da educação. A alta competitividade, impulsionada pelo mau uso das avaliações padronizadas de âmbito nacional e internacional, traz o risco de reduzir o processo formativo ao alcance de resultados de avaliações externas. Conforme menção no Tradição Viva, ‘muitos colégios têm experimentado o impacto das reformas orientadas pelo e para o mercado. As avaliações padronizadas podem reduzir a riqueza e a dignidade do empenho educativo à mera quantificação de pontos nos rankings’ (n. 103).”	Crítica às avaliações padronizadas; Pressão do mercado; Desvalorização do processo formativo
Tradição Viva	p.27	“Os jovens vivem a tensão entre as tendências à homogeneidade cultural e a emergência de uma sociedade humana intercultural que respeite a diversidade e dela se enriqueça. A lógica da economia do mercado conduz à homogeneidade. Pelo contrário, a juventude aspira à diversidade que corresponde ao exercício da liberdade e abre espaços criativos para contribuir ao surgimento de uma sociedade humana intercultural. A partir daí podem empenhar-se na construção social de uma cultura de defesa, que garante um ambiente sadio para os meninos, meninas e jovens, de modo que sejam criadas condições para desenvolverem todas as suas potencialidades como seres humanos.”	Mercado vs. diversidade cultural; Juventude e liberdade; Sociedade intercultural
Tradição Viva	p.46	“Muitos colégios têm experimentado o impacto de reformas orientadas pelo e para o mercado. As avaliações padronizadas podem reduzir a riqueza e a dignidade do empenho educativo à mera quantificação de pontos nos rankings. Este ambiente competitivo incentiva um individualismo exagerado que não valoriza o processo de crescimento de cada estudante, mas compara uns com os outros. Os familiares tornam-se consumidores, e as preocupações de mercado ofuscam os valores substanciais. É custoso competir nesse tipo de mercado; os custos operacionais aumentam, sobem as mensalidades e o acesso diminui.”	Individualismo; Acesso limitado; Consumo e competição educacional
Tradição Viva	p.76	“Nosso mundo hoje está marcado pela polarização e pelo medo do diferente. O resultado é a substituição da mutualidade e do discurso honesto pelo egoísmo e a intolerância superficial, que assume muitas diferentes formas: nacionalismo extremo, tribalismo, racismo, sexismo e sectarismo. Além disso, uma cultura consumista de mercado global muitas vezes ofusca tradições e costumes locais. Estas dinâmicas ocorrem em grande escala internacional, mas também estão muito presentes nos	Crítica à cultura de mercado global; Polarização; Intolerância; Erosão de tradições

Tabela 1 - Citação ao “mercado” nos documentos da RJE			
		nossos lares. Muitas comunidades são divididas por tensões raciais, étnicas e religiosas e pela violência sem sentido que elas geram.”	
Inovação Pedagógica	p.23	“Nesse sentido, considerando os princípios educativos da Companhia de Jesus, o propósito da educação integral é o grande norteador para a concretização da inovação nas práticas educacionais, fazendo com que não nos percamos no emaranhado discursivo contemporâneo dos imperativos mercadológicos que, muitas vezes, pulverizam e ressignificam os principais objetivos educacionais. Esses imperativos condicionam a inovação e a educação integral às demandas de uma sociedade de capital humano que, por meio de currículos pautados unicamente em competências e habilidades para um mundo competitivo e empresarial, distanciam-se de propostas comprometidas com a justiça, a reconciliação e a equidade social.”	Inovação crítica; Educação integral; Resistência ao capital humano e à lógica empresarial

O PEC (2021) adverte para o risco de a educação ser reduzida a um produto de mercado, contrariando sua natureza de direito do cidadão e sua dimensão como serviço à sociedade e missão da Igreja. O texto afirma que a formação integral é um dos elementos centrais da identidade da educação católica, e que a educação deve resistir aos parâmetros impostos pelas pressões mercadológicas. A alta competitividade impulsionada pelas avaliações padronizadas é criticada por comprometer o processo formativo, reduzindo-o à mensuração de resultados e à comparação entre instituições, em detrimento do crescimento humano e espiritual dos estudantes.

No mesmo sentido, Tradição Viva (2019) reforça a crítica à lógica do mercado, destacando seus impactos na vida escolar e na juventude. A homogeneização cultural e o estímulo ao individualismo exacerbado são apontados como consequências de uma educação orientada pelo mercado, que transforma estudantes em produtos e famílias em consumidores. Os custos operacionais elevados, o aumento das mensalidades e a exclusão social resultante da competição educacional revelam o esvaziamento da missão formativa. Ao mesmo tempo, o documento propõe a valorização da diversidade cultural e da interculturalidade como formas de resistência ao modelo hegemônico de mercado.

Já o livro Inovação Pedagógica (2024) alerta para os perigos de uma inovação educacional cooptada por interesses mercadológicos. Nesse contexto,

currículos centrados exclusivamente em competências e habilidades voltadas ao mercado de trabalho acabam por afastar a educação de seu compromisso com a justiça, a equidade e a reconciliação. O texto destaca que a inovação deve estar a serviço da formação integral do ser humano, e não subordinada aos imperativos de uma sociedade que valoriza o capital humano acima dos valores éticos e sociais.

A partir deste mapeamento, foi possível observar que os três documentos apresentam críticas contundentes à crescente mercantilização da educação e reafirmam o compromisso com uma formação integral e transformadora, fiéis aos princípios de Santo Inácio de Loyola e em sintonia com as ideias de Paulo Freire.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas neste trabalho permitiram identificar aproximações importantes entre a pedagogia inaciana e a pedagogia freireana, sobretudo na valorização do sujeito como protagonista do processo educativo e no compromisso com uma educação transformadora e humanizadora. Ambas as tradições desafiam a lógica de uma educação reducionista e bancária, oferecendo caminhos para resistir às pressões da mercantilização e reafirmar os valores éticos, espirituais e sociais que orientam o verdadeiro sentido do educar. Ainda que oriundas de contextos históricos e teóricos distintos, Santo Inácio de Loyola e Paulo Freire dialogam no reconhecimento da educação como espaço de construção de sentido, discernimento e compromisso com a justiça.

Contudo, é preciso reconhecer as limitações desta análise, que se concentrou em documentos oficiais e reflexões teóricas, deixando de lado o estudo das práticas concretas no cotidiano escolar. Há uma lacuna importante entre o discurso institucional e a realidade vivida nas escolas que deve ser explorada em estudos futuros. O aprofundamento desse olhar requer escutar os sujeitos diretamente envolvidos no fazer educativo — professores, coordenadores pedagógicos, orientadores e gestores — para compreender como esses agentes experienciam, negociam e reinterpretam os impactos das lógicas mercadológicas em seu trabalho diário.

Além disso, seria relevante investigar até que ponto a pedagogia inaciana, enquanto proposta institucional, consegue se posicionar de forma crítica diante do neoliberalismo com a mesma contundência que caracteriza a pedagogia freireana. Embora os documentos da Rede Jesuíta de Educação façam coro à crítica à mercantilização, parece haver uma dimensão institucional que suaviza ou adapta essa crítica ao contexto das escolas católicas inseridas em um mercado competitivo. Tal hipótese, que surgiu ao longo deste trabalho, merece ser explorada para entender os limites e as potencialidades de uma prática educativa que busca ser fiel à tradição inaciana e, ao mesmo tempo, atualizada às demandas do presente.

Por fim, este estudo abre espaço para futuras investigações que articulem teoria e prática, analisando como os conceitos de Magis e Ser Mais são incorporados, traduzidos e (re)significados no cotidiano das instituições educativas. Será importante observar como as escolas jesuítas concretizam seus ideais em práticas pedagógicas que efetivamente promovam a formação integral, a crítica social e o compromisso ético, escapando das armadilhas da individualização e da lógica do capital humano. Essa articulação entre o ideal e o vivido é fundamental para manter viva uma educação que, inspirada por Inácio e Freire, seja capaz de resistir às forças desumanizadoras do neoliberalismo e afirmar a centralidade do humano no processo educativo.

REFERÊNCIAS

ARRUPE, Pedro. *Men for Others*. Discurso proferido em 31 de julho de 1973, durante o 10º Congresso Europeu de Antigos Alunos dos Colégios Jesuítas, Valência, Espanha. Disponível em: https://jesuitportal.bc.edu/research/documents/1973_arrupemenforothers/ . Acesso em: 27 abr. 2025.

BALL, Stephen J. Educação Global S.A.: novas redes de políticas educacionais. Tradução de Rogério Barbosa de Moura. Porto Alegre: Penso, 2014.

CARACTERÍSTICAS da educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Loyola, 1987.

CATINI, Carolina de Roig. A educação bancária, “com um Itaú de vantagens”. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 13, n. 1, p. 90–118, abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/43748> . Acesso em: 12 maio 2025.

ETE FMC. O *Magis Inaciano*. 14 dez. 2022. Disponível em: <https://www.etefmc.com.br/noticia-14-12-2022-magis-inaciano> . Acesso em: 27 abr. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996.

KLEIN, Luiz Fernando. *Pedagogia Inaciana: sua origem espiritual e configuração personalizada*. 2º Encontro de Diretores Acadêmicos de Colégios Jesuítas da América Latina, Quito (Cumbayá), 08 a 12 de setembro de 2014. Disponível em: http://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2014/09/PedInacOrigemConfig_18set14.pdf Acesso em: 11 maio 2025.

PINTO, Vinicius Soares. *Magis Inaciano e Discernimento: Fortalezas para a gestão*. Dissertação (Mestrado em Gestão Educacional), Programa de Pós-graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2021.

PIRES, CRISTINA CARDOSO DA SILVA. *Tensões na 3a Série do Ensino Médio: formação integral inaciana frente à sociedade do desempenho*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Jesuítica), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Salvador, 2023.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. *Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica (2021-2025)*. São Paulo: Edições Loyola, 2021.

_____. *Inovação pedagógica: contexto e proposta da Rede Jesuíta de Educação Básica*. Rio de Janeiro: Rede Jesuíta de Educação, 2024.

SANTO, Paulo Roberto do Espírito. *Pedagogia Inaciana e Educação Popular: Encontros Potentes para a Formação Integral*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2021. Disponível em: https://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/12859/Paulo%20Roberto%20do%20Esp%C3%ADrito%20Santo_PROTEGIDO.pdf?isAllowed=y&sequence=1. Acesso em: 27 abr. 2025.

SILVA, Fernanda Ariele da. *Dignidade e Humanização: Contributos da Pedagogia Inaciana e da Educação Popular*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Jesuítica), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2023.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. A individualização dos percursos formativos como princípio organizador das políticas curriculares para o Ensino Médio no Brasil. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas Educacionais*, v. 27, n. 103, p. 426-447, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/ygWvBR7Nsry5jjKmzC8hCKd/>. Acesso em: 27 abr. 2025.

STORK, João Batista. Estado, Fé e Mercado: desafios da escola. In: STORK, João Batista; STORCK, João Batista (Orgs.). *Educação Jesuítica: identidade e desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2017.